

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

SUBSTANTIVO E ADJETIVO: CLASSES QUE NÃO SE DEFINEM; APRENDE-SE
A RECONHECÊ-LAS.

Claudete Schwaab da Silva

821.134.336
S585
C92569584

Pontes e Lacerda - MT, fevereiro de 2003

BIB	A
Campus	mt - MT
R	9508
Data	14 / 08 / 03

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

SUBSTANTIVO E ADJETIVO: CLASSES QUE NÃO SE DEFINEM; APRENDE-SE
A RECONHECÊ-LAS.

Ensaio monográfico desenvolvido no Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa, Inglesa e Literaturas, no VIII Semestre do Curso de Licenciatura Plena de Letras – UNEMAT – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, tendo como orientadora a professora Cleunice Maria Andrade Silva.

Claudete Schuwaab da Silva

Orientanda

Cleunice Maria de Andrade Silva

Orientadora

Prof^a. Ms. Madalena Aparecida Machado

Coordenadora de Monografia

*Saber uma língua é, entre outras coisas,
dispor de um conjunto articulado de hipóteses
sobre as regras que a língua segue.*

(POSSENTI)

Dedico este trabalho aos meus filhos Myckel e Mickaeli e ao meu esposo, que sempre estiveram ao meu lado incentivando-me nos momentos difíceis desta caminhada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado a vida, a vontade de vencer, me estendido a mão e me ajudado a atravessar as barreiras que encontrei no caminho.

Aos meus pais, de modo muito especial à minha mãe, que partiu para a eternidade deixando-nos o exemplo de fé, amor e coragem para nunca desistir diante das dificuldades.

Ao meu esposo e meus filhos que sempre me apoiaram.

A todos os meus colegas de classe, especialmente à Hélia Márcia, que sempre me apoiou nesta árdua batalha.

Aos professores, por estarem sempre presentes e dispostos a me ajudar ao longo destes quatro anos de jornada. Em especial à professora Cleunice Maria de Andrade Silva que me acompanhou mais de perto, neste trabalho não somente com orientadora, mas principalmente como amiga.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente estiveram presentes nesta etapa tão importante da minha vida o meu profundo muito obrigada.

Claudete

SUMÁRIO

Apresentação	07
As regras e definições.....	09
Afinal para que servem as definições?.....	13
Os dados	18
Confronto: Teoria x Prática	17
Substantivos e Adjetivos: classes distintas?	25
Bibliografia	27
Anexos	29

APRESENTAÇÃO

O que nos levou a estudar os substantivos e adjetivos foi uma inquietação que surgiu a partir das definições apresentadas pela Gramática Normativa que não possibilita a identificação de uma entidade gramatical.

O objetivo deste ensaio monográfico é suscitar nos leitores um olhar crítico voltado para as discussões que objetivam analisar as definições impostas pela gramática normativa, mais precisamente no que diz respeito aos substantivos e adjetivos (que são o nosso objeto de pesquisa) classes essas tão pouco marcadas que há razões para duvidar da existência de duas classes tão distintas.

Para melhor compreender as duas classes, tradicionalmente denominadas substantivos e adjetivos estarei desenvolvendo este trabalho em três textos distintos: no primeiro apresentarei as regras e definições com o apoio teórico de diversos autores da gramática normativa e também da Gramática Descritiva do Português de Mário A. Perini, no segundo: Afinal para que servem as definições? Discorrerei também sobre as deficiências dos conceitos apresentados pela gramática normativa e no terceiro texto: O confronto: teoria x prática, apresentarei o resultado de uma entrevista realizada com três professores da rede pública de ensino, estarei confrontando a teoria com a prática destes professores.

Para a realização deste trabalho busquei o apoio nas gramáticas normativas de: José de Nicola, Infante Ulisses, Napoleão Mendes de Almeida, Celso Ferreira da Cunha e Celso Pedro Luft, a Gramática Descritiva do Português de Mário A. Perini e algumas obras na linha de Linguística: Português ou Brasileiro de Marcos Bagno, Sofrendo a Gramática de Mário A. Perini, Porque (não) ensinar gramática na escola de Sírio Possenti, Texto, Escrita, Interpretação de Luiz Francisco Dias (Org.) e o Novo

Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, os quais muito contribuíram para a realização deste trabalho.

Pode ser que as informações contidas neste trabalho ainda não sejam do seu conhecimento, por isso sugeri-lhe que leia o nosso texto.

AS REGRAS E DEFINIÇÕES

A gramática surgiu por volta do século III a.C., quando alguns estudiosos resolveram descrever as regras gramaticais empregadas pelos grandes autores clássicos para que elas servissem de modelo para todos os que, a partir de então, quisessem escrever obras literárias em grego. Ainda hoje encontramos alguns autores que dizem que a Gramática Normativa é um conjunto de regras a serem seguidas para que se possa falar e escrever corretamente.

Segundo Perini *o estudo da gramática não é um caminho conveniente para desenvolver o desempenho na leitura e na escrita (muito menos na fala)*. (PERINI.2001:33) O estudo da gramática pode ser um instrumento para exercitar raciocínio e a observação, mas não para desenvolver a escrita e a fala.

Vejamos agora aspectos importante do estudo gramatical que são as regras e definições. *Substantivo é a palavra que usamos para nomear seres, coisas e idéias. Como palavra variável, apresenta flexões de gênero, número e grau*. (NICOLA.1994:157).

Quanto ao adjetivo o referido autor diz *que é a palavra que modifica o substantivo, atribuindo-lhe um estado ou característica*. (NICOLA.1994:180) Portanto, o adjetivo também se refere aos seres; daí que a distinção feita entre o substantivo e o adjetivo não é semântica (de significado) e sim funcional (de função).

Na concepção de Napoleão Mendes de Almeida *,substantivo é como o próprio nome indica, toda palavra que especifica substância, ou seja, coisa que por sua existência animada ou inanimada, real ou imaginária, concreta ou abstrata*(ALMEIDA1992:80).

Sobre o adjetivo o mesmo autor diz *que é toda palavra que modifica a*

compreensão do substantivo (ALMEIDA.1992:137). Almeida faz ainda algumas considerações que julgamos interessantes ressaltá-las:

a) *o fato de vir o adjetivo qualificando o substantivo, resulta muitas vezes que, tirando-se o substantivo, continua sendo este facilmente subentendido, sem prejuízo para o sentido.*(ALMEIDA. 1992:137). Nessa concepção os adjetivos assumem então o caráter de substantivo, e disso confirma o fato de poderem vir acompanhados de um artigo. Sempre que ocorrer tal acontecimento, tais adjetivos se dizem adjetivos substantivados, ou seja, o adjetivo exerce a função de substantivo.

b) *o substantivo também sofre essa modificação, pode passar para a classe dos adjetivos.*¹ Isso ocorre sempre que o substantivo se relaciona com outro substantivo, passando, pois, a ser modificador, e, por conseguinte a funcionar como adjetivo. Diz-se nesses casos que o substantivo está adjetivado, é, portanto o substantivo que exerce a função de adjetivo.

c) *é tão freqüente esse fenômeno de intercâmbio taxonômico*², *que certos adjetivos perderam inteiramente o seu caráter próprio.*(ALMEIDA.1992:138) Podemos confirmar isso com a palavra *moço*. *Musteus* é registrada nos dicionários latinos como adjetivos e, no entanto, nos dicionários portugueses, *moço* é, em primeiro lugar, classificado, definido e estudado como substantivo.

Celso Cunha diz que *substantivo é a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral.*(CUNHA. 1982:114)

Ainda na concepção teórica de cunha adjetivo é a espécie de palavra que serve para caracterizar os seres ou os objetos nomeados pelo substantivo, indicando-lhes: qualidade ou defeito, o modo de ser, aspecto ou aparência e estado.

O referido autor chama de *substitutos do adjetivo as palavras ou expressões de outra classe gramatical que podem também servir para caracterizar o substantivo, ficando a ele subordinadas na frase. Valem portanto por verdadeiros adjetivos*³

Nas palavras de Luft (1991: 86) substantivo é a palavra – nome ou pronome – que, na oração, pode funcionar como núcleo do sujeito ou do objeto direto. Núcleo de um sintagma substantivo

¹ IBIDEM. p.137

² passagem de uma classe para outra

³ IBID. 1982 p.151

Sobre o adjetivo o autor diz que *é a palavra que, é referida a um nome substantivo(expresso ou oculto) serve para exprimir propriedade ou qualidade, dando o nome tradicional de adjetivo qualificativo.*⁴

Vejamos agora a definição de Mário A. Perini na Gramática Descritiva do Português:

*substantivos são, pois, todas as palavras que podem ser complementos do predicado e não podem ser nem modificadores nem predicativos; adjetivos são as palavras que podem ser complementos do predicado, e também modificadores e predicativos.*⁵

Como vimos, é importante para a gramática normativa estabelecer definições e regras, mas para o falante da língua segundo Perini isso não tem grande valia, pois aprendemos a falar sem conhecer a estrutura da língua e, no entanto, falamos e nos comunicamos sem prejuízo algum

No sentido acima mencionado, entendemos que seja inútil uma definição que só possa ser aplicada por quem já conheça o resultado de antemão. Como por exemplo as classes denominadas substantivos e adjetivos que são quase impossíveis distingui-las

Luiz Francisco Dias afirma que o *substantivo tem sido definido, desde o século IV a.C., como a palavra que designa o ser; o adjetivo, com algumas variantes é definido como a palavra que fornece a característica, a aparência ou o estado do ser.* (DIAS. 2001: 68)

Vemos que as gramáticas normativas se preocupam em classificar palavras sem levar em conta o papel que elas exercem em enunciados autênticos.

Só podemos dizer se uma palavra é substantivo ou adjetivo depois de analisar as múltiplas funções que ela exerce dentro do enunciado e as diversas relações que ela estabelece com o resto do texto.

Segundo Dias 2001, nos exercícios convencionais de análise morfológica, isso não é levado em conta, como se uma determinada palavra só pudesse pertencer sempre a uma mesma classe. No entanto não é isso que acontece, pois os substantivos podem

⁴ IBIDEM 1991 p.93

muito bem atuar como adjetivo, do mesmo modo os adjetivos podem funcionar como substantivos.

Em consonância com tal afirmação BAGNO (2001: 21) diz que *praticamente todas as palavras a língua podem ser substantivos*, o que quer dizer que a maioria das palavras pode desempenhar mais de uma função sintática.

Vale ressaltar que a semelhança entre essas duas classes não é simplesmente a de que em um determinado momento um substantivo vira adjetivo e vice-versa. *Trata-se, pura e simplesmente de uma palavra cujo potencial funcional inclui tanto a possibilidade de ser núcleo de um SN quanto a de ser modificador.* (PERINI 2002 : 23) O que temos não são duas classes de palavras nitidamente diferentes, mas uma classe que possui potencialidades expressivas variadas; entre outras coisas, pode expressar nomes de coisas ou qualidades. E expressa uma ou outra coisa no momento em que é necessário.

As diferenças de comportamento dentro dessa grande classe (substantivo/adjetivo) provêm principalmente de mudanças de significados. Isso quer dizer que no momento em que uma palavra começa a ser usada com um novo significado, ela precisa mudar seu comportamento gramatical de acordo com sua nova função.

⁵ (PERINI. 2001 p.327).

AFINAL PARA QUE SERVEM AS DEFINIÇÕES?

Sabemos que *o gramático ou o estudioso de gramática, não é um falante comum, seu objetivo não é aprender a usar a língua, mas pesquisar seu funcionamento interno.* (PERINI, 2001)

A gramática enquanto estrutura da língua não decorre da aprendizagem da mesma; isso porque ela precisa ser investigada e formulada por especialistas, pois para o usuário, o conhecimento explícito não é relevante, mas para o estudioso é. A estrutura da língua (na concepção gramatical) se explicita através de instrumentos, tais como definições e regras e estas na maioria das vezes não são claras para o falante.

Para entendermos melhor vejamos alguns exemplos: a palavra *cabeça* até pouco tempo era usada como nome de uma parte do corpo. No entanto, alguém teve a idéia de usá-la para designar uma pessoa ou coisa admirável, a partir daí, a palavra *cabeça* não só passou a ter significado de qualidade, mas também a ser usada em estruturas tipicamente adjetivas como: Ontem fui ver um filme muito cabeça.

Essa flexibilidade segue estritamente a necessidade de comunicação. O mesmo aconteceu com as palavras gato (ela tem um irmão gato), prego (mas que sujeito prego) e muitas outras.

A gramática normativa acabou se constituindo numa coleção de conceitos, regras e definições que são consideradas verdades absolutas, mas estas muitas vezes não são entendidas pelos falantes comuns, uma vez que um aluno da terceira série do Ensino Fundamental já estuda as classes de palavras e a análise sintática, e não consegue aprendê-las. Ao chegar no terceiro ano do Ensino Médio ele continua estudando a análise sintática e as classes de palavras e continua não sabendo. Eis alguns questionamentos: Não sabe gramática por ter sido mau aluno?, Por ter abandonado a escola?, Por não ter feito Letras?

Creemos que não. Ele não sabe gramática pela mesma razão de muitos que foram bons alunos, fizeram seus cursos até o fim, têm diploma de Letras e não sabem gramática.

O que faz com que a gramática seja uma disciplina tão estudada e tão difícil de ser entendida? Não seriam as tão mencionadas, regras e definições? Afinal para que servem as definições?

Segundo PERINI (2001: 55) *a formulação de uma definição só se justifica se ela possibilita a identificação de uma entidade gramatical*. O autor diz ainda que para uma definição atingir tais objetivos, é necessário que ela tenha as seguintes qualidades:

- a) ser explícita: isto é, fornecer todos os elementos necessários à sua aplicação;
- b) ser adequada ao usuário em perspectiva: isto é, utilizar noções e termos que o usuário já conheça;
- c) ser adequada à realidade lingüística: isto é, descrever fatos reais da língua, e não fantasias ou opiniões pessoais a respeito dela.” (PERINI, 2001 p. 55)

Verificaremos algumas definições levando em conta essas exigências, para isto, podemos considerar primeiramente esta definição de *substantivo*: *Substantivo é a palavra com que designamos os seres em geral*. (CUNHA, 1982 : 144)

Creemos que só podemos aplicar essa definição se já soubermos o que é uma palavra; o que é um ser; e o que quer dizer designar. Quanto à *palavra* e designações é fácil conceituar. Mas o que dizer da noção de ser? O que é exatamente um ser? Todos concordam que *gato* designa um ser, o mesmo acontece ainda com o vocábulo *menino*, mas também sabemos que de acordo com a classificação tradicional *banho*, *ausência*, *ar* e *morte* são substantivos, mas será possível dizer que são seres também?

Como vimos esta definição deixa de atender à exigência (b) acima: visto que nem todos os usuários da língua têm noção do que é *ser*. Segundo PERINI⁶ *Para fazer com que a definição acima funcione, poderemos procurar uma saída mais ou menos assim: diremos que 'banho', 'ausência', 'ar' e 'morte' são substantivos porque podem ser*

⁶ (ibidem p. 55)

núcleo do sujeito de uma oração. Nesse caso como ficará a exigência (a) que estará sendo violada porque estamos utilizando um elemento que não figura na definição usada para identificar o substantivo.

Será que esse problema com a definição só acontece com os substantivos? Não. Acontece com todas as classes gramaticais. Os adjetivos por exemplo têm limites muito pouco claros em relação aos substantivos. PERINI(2002, p. 321) diz que:

é fácil distinguir formalmente um substantivo de um verbo, ou um adjetivo de um verbo; mas a separação entre substantivos e adjetivos é tão pouco marcada que há razões para duvidar da existência de duas classes distintas.

Nessa perspectiva a solução não seria aceitarmos a idéia de que um adjetivo pode ser um substantivo, ou vice-versa, pois essa é uma noção insustentável.

OS DADOS

A Pesquisa foi realizada com professores da rede pública de ensino de Vila Bela da Santíssima Trindade.

Os dados foram coletados da seguinte forma: elaboramos questões envolvendo as definições dos substantivos e adjetivos, bem como a metodologia usada para trabalhar essas duas classes de palavras.

Analisaremos os dados obtidos na pesquisa feitas com os professores relacionando-as com os gramáticos Nicola, Almeida, Cunha, Luft, Dias, Bagno e Perini.

A respeito dos professores entrevistados, esclarecemos que dois possuem formação superior, na área em questão, ou seja, em Língua Portuguesa. O outro não possui formação superior.

Por questões éticas não mencionaremos os nomes dos professores entrevistados. Os mesmos serão identificados como professor A, B e C.

CONFRONTO: TEORIA x PRÁTICA

A primeira questão feita aos entrevistados foi: Na sua opinião, qual a importância do estudo das classes de palavras? O professor A respondeu dizendo que *as palavras são toda a essência da linguagem verbal, portanto, o aprendizado de cada uma de suas classes é praticamente indispensável para o uso adequado de qualquer idiomas Sem o estudo das classes de palavras não se aprende linguagem verbal.*

Acontece, que a linguagem verbal é apenas uma das várias formas de linguagens que utilizamos em nossos relacionamentos e por isso entendo que não deve ser a única dessas formas a ser estudada em sala de aula.

A afirmação do professor A contradiz com a própria realidade, uma vez que aprendemos primeiramente a falar, antes mesmo do que ler e escrever. Ora, se a assertiva do referido professor fosse verdadeira a ordem seria inversa e aí sim o estudo da gramática poderia ter mais proveito e servir de modelo para a *Norma Padrão*, mas a realidade não é esta e devemos tomar cuidado para não tornar o estudo da gramática uma doutrina absoluta.

Parafraseando Perini vemos que o estudo da gramática não é um caminho conveniente para o desempenho na leitura e na escrita (muito menos na fala). Nunca devemos esquecer que nossos alunos não são como um papel em branco, pois eles já vem para a escola com uma bagagem que deve ser levada em conta, para isso precisamos respeitar as diferenças lingüísticas muito comuns entre nós.

O mesmo professor ainda nesta mesma questão diz que a linguagem verbal é apenas uma das várias formas de linguagens que utilizamos em nossos relacionamentos e por isso não deve ser a única a ser estudada em sala de aula. Nesta afirmação ele reconhece que existem outras formas de linguagens que precisam ser estudadas, pois são tão importantes quanto à linguagem verbal, em especial no campo da escrita.

Cremos que o professor A tenha um conhecimento teórico muito superficial e ainda não tem uma teoria definida. Por não estar seguro dos novos conhecimentos sobre a área da linguagem, em especial a lingüística, ele acaba voltando à teoria tradicional. Com base na afirmação contraditória do referido professor, podemos dizer que este profissional pode estar desencorajando seus alunos, os quais futuramente terão sérios problemas com a escrita por não ter conhecimento sobre a própria língua.

Com relação à pergunta sobre a importância do estudo das classes de palavras, o professor B diz o seguinte: *Estudar as classes de palavras é de suma importância, porque devemos ter o domínio da linguagem, conhecer suas regras e ampliar nosso universo vocabular.* Vemos que este profissional está equivocado com relação à ampliação do universo vocabular. Nossa afirmação parte do pressuposto de que não é estudando regras que se amplia o vocabulário, pois os estudos mostram-nos que isso só acontece exercendo a prática da leitura, o que fica claro quando Bagno (2001, p. 165) diz *só o que temos de fazer: desenvolver a prática da leitura e da escrita, da releitura e da reescrita, da re-releitura e da re-reescrita, sem a necessidade de decorar nomenclaturas.*

Entendemos que a preocupação excessiva com as regras acaba se reduzindo a exercícios mecânicos, o que só prejudica os alunos e não ensina nada. A maioria dos professores que trabalha com o ensino da língua acaba tomando como suporte teórico somente a gramática normativa, pois esta foi criada para servir de modelo para a língua escrita literária e passou a ser usada como regra da norma padrão, sem falar que ela surgiu no século III a.C. e hoje, em pleno século vinte e um as definições são as mesmas e por isso não condizem com a realidade lingüística dos falantes.

Ainda com relação à importância do estudo das classes de palavras o professor C diz que: *Estando inseridas em um contexto, considero de suma importância para compreensão das estruturas gramaticais da Língua Portuguesa.* O início desta afirmação é maravilhoso quando o referido professor diz que estando inseridas em um contexto considera o estudo das classes gramaticais de suma importância, pois dependendo do texto, uma palavra pertence a uma classe gramatical, no entanto a mesma palavra em outra circunstância pode pertencer a outra classe.

Cremos que o professor C tenha sido infeliz em sua afirmação quando ele disse que o estudo das classes de palavras é importante para a compreensão das estruturas gramaticais da Língua Portuguesa. A assertiva do professor deixa claro que ele retira

uma determinada palavra de um contexto e joga-a dentro das regras da gramática normativa e trabalha essa palavra de forma isolada, ou seja, retira a palavra do contexto real dos alunos e leva-a para o século III a.C. para estudá-la. Entendemos, que tal postura realmente não prenda a atenção dos alunos, pois estudos dessa forma não fazem sentido e nem suscitam interesses nos estudantes.

Perguntamos aos professores: Como você define substantivo e adjetivo? As respostas em relação à definição do substantivo foram:

Professor A – *Sem reportar-me a nenhum livro, eu os definiria como os nomes de tudo o que tenha existência real ou imaginária, própria ou 'parasitária'. Podendo ser comum ou próprio, simples ou composto, primitivo ou derivado e coletivo. Além, é óbvio, de concreto ou abstrato.*

Embora o referido professor tenha afirmado que não se reportou a nenhum livro, vemos que sua definição está totalmente calcada na gramática normativa (GN).

Um fato curioso na definição dada pelo professor A foi a presença da palavra parasitária, palavra essa que tem um enfoque especial e que analisando-a a grosso modo cremos que no contexto ela denota o substantivo abstrato. No entanto, não podemos afirmar categoricamente que o professor tenha utilizado-a nesse sentido, pois complementando sua afirmação ele menciona claramente a palavra abstrato.

Professor B – *É a palavra variável com que designamos todos os seres que existem ou que imaginamos existir. Apresenta dois números e dois gêneros. É antecedido de artigo.*

O professor B emprega também o conceito da Gramática Normativa. Na Segunda parte de sua assertiva. O referido professor deixa claro que o substantivo *apresenta dois números e dois gêneros*. Em relação ao número a afirmação condiz com a Gramática Normativa, mas em relação ao gênero, de acordo com a própria Gramática Normativa, faltou acrescentar a oposição de gênero gramatical/gênero biológico. Segundo John Martin (1975) apud Luft *melhor seria abandonar a nomenclatura tradicional "masculino/feminino", de ordem metafórica, por mais ou menos marcante: os femininos são mais marcantes*. Encerrando sua definição sobre o substantivo o professor B diz que *este é antecedido de artigo*. Cremos que esse posicionamento esteja equivocado porque nem sempre o substantivo vem antecedido por um artigo, conforme o exemplo seguinte: Bonita Criança!

Professor C – *Como a prova das relações entre significante e significado, pois nome das coisas, pessoas, lugares antes de mais nada precisa ter sentido para quem o utiliza.*

Vemos que a definição do professor C está bastante alicerçada na lingüística, basicamente em Saussure, quando o professor menciona a questão do significante e significado. Na opinião deste professor o nome do ser *precisa ter significado para quem o utiliza.*

De certo modo discordamos da definição do professor no trecho, *como a prova das relações entre significante e significado*, compreendemos que nem sempre é importante ao usuário da língua estabelecer relação de símbolo a todas as palavras. No caso da frase: *cadê o seu pirulito?* Não precisamos reportar-nos ao símbolo das palavras *cadê, o, e seu*, pois o contexto leva-nos à compreensão.

Com relação ao adjetivo as definições foram:

Professor A – *São as características, melhor, as palavras que atribuem características a tudo o que existe de fato ou na fé e no imaginário.*

A afirmação do professor está embasada na Gramática Normativa. Chama-nos atenção o seguinte trecho: (...) *as palavras que atribuem características a tudo que existe de fato ou na fé e no imaginário.* O uso da palavra *fé* remete-nos à religiosidade, ou seja à crença, fazemos esta colocação a partir do uso do conectivo *ou* acreditando que a palavra *fato* corresponda a *real* e que *fé* equivala a *acreditar*,

Diante do exposto acreditamos que o conceito do referido professor fique assim: adjetivos são palavras que atribuem, características a tudo o que existe, esteja essa existência no real, ou na crença e no imaginário. De acordo com a afirmação do professor *crer* não é o mesmo que *imaginar*.

Numa consulta ao dicionário Aurélio, vemos que o professor tem uma certa razão pois *crer* (do latim *crederem*) v.t.d. significa *ter por certo; dar como verdadeiro; acreditar; imaginar* (Do latim *imaginare*) v.t.d. significa *constuir ou conceber na imaginação; fantasiar, idear, inventar.*

O professor B define adjetivo da seguinte forma *é a palavra que acompanha o substantivo, expressando qualidade, particularidade, estado ou condição.* Vemos que a afirmação deste professor também condiz com as definições impostas na G.N.

O professor C define adjetivo dizendo *basicamente como o que caracteriza o nome, ou seja, mais uma vez o sentido que damos às coisas*. Nesta afirmação o professor C enfatiza adjetivo como sendo o que caracteriza o nome. Na primeira parte do conceito vemos explicitamente as marcas da gramática normativa. A partir do momento da retificação *ou seja* o professor retoma a importância do sentido citado anteriormente na definição do substantivo. Vimos através da entrevista realizada com o professor C que ele demonstra-se bastante preocupado com o sentido das coisas. Numa análise gramatical observamos que a expressão *ou seja* está deslocada, uma vez que ela serve para retificar algo, no entanto não constatamos ligação entre as partes do enunciado.

A terceira pergunta foi: Como você desempenha o trabalho das classes acima referidas? (substantivo e Adjetivo)

Professor A – *Com um certo grau de dificuldade de me fazer entender, principalmente, pelas crianças que ainda não desenvolveram suficientemente o raciocínio abstrato. Para elas é muito confusa a semelhança das duas classes principalmente quando o assunto é substantivo abstrato. Confundem honesto com honestidade, belo com beleza...*

No início desta afirmação o referido professor deixa transparecer claramente que encontra muita dificuldade em se fazer entender pelos alunos, *principalmente, pelas crianças que ainda não desenvolveram suficientemente o raciocínio abstrato*. Acreditamos que os alunos ao ingressarem na escola já possuem um raciocínio, que precisa ser desenvolvido pelo professor através do incentivo à leitura, se isso não for feito realmente se torna muito difícil fazer-se entender pelos alunos quando se trata das classes de palavras.

Na Segunda parte da sua afirmação o professor A diz que *Para elas é muito confusa a semelhança das duas classes* cremos que não é só para os alunos do Ensino Fundamental que a semelhança entre substantivos e adjetivos seja confusa. Segundo PERINI (2001:44) *a distinção entre substantivos e adjetivos, tal como formulada nas gramáticas comuns é inadequada*. Levando em consideração esta afirmação e sabendo que o professor trabalha com a G.N. é possível entender a dificuldade dos alunos, pois cremos que o grande problema esteja na falta de distinção nítida entre os diversos tipos de comportamento gramaticais, isto é, é preciso considerar que existe a morfossintaxe das palavras.

O professor B assim respondeu: *Trabalho de forma fragmentada e depois intercala-as nos textos, mostrando a sua significação, fazendo com que os alunos identifiquem-as no texto trabalhado.*

O professor deixa bem claro que trabalha os palavras de forma fragmentada para depois intercalá-las nos textos. Como sabemos, uma palavra pode ter a função de modificador que é típica dos adjetivos em um contexto e em outro essa mesma palavra poderá ter a função de núcleo de um sintagma nominal, função quase sempre desempenhada por um substantivo, como em *Um avião inimigo/ Um inimigo terrível*. Em consequência deste fato podemos dizer que a atitude deste professor é incorreta.

Creemos que o estudo das classes de palavras partindo de um texto para entender sua função facilitaria a compreensão dos alunos, uma vez que dependendo do contexto a palavra muda de função e consequentemente de classe. É importante lembrar que não falamos por frases, estamos constantemente produzindo um texto por menor que seja.

A resposta do professor C foi a seguinte: *Ainda encontro dificuldades em me desfazer das formas como aprendi, mas procuro na medida do possível relacionar o aprendido ao contexto no qual estamos inseridos, (nós, eu e os alunos).*

Vemos que o referido professor está preocupado com o ensino da língua portuguesa, pois apesar de encontrar dificuldades, procura relacionar o aprendido ao contexto em que está inserido.

Os estudos tradicionais sempre partiram de um isolamento da língua, como se ela fosse um universo fechado independente de suas condições de produção, vemos que a preocupação do professor C está em reverter este quadro embora, às vezes, ainda sinta-se arraigado à maneira de como aprendeu.

Na quarta questão perguntamos: *Você trabalha com livro didático? Como você conceitua a definição que o LD traz sobre o substantivo e o adjetivo?*

Professor A – *Sim. Didaticamente insatisfatório.*

Mesmo reconhecendo que o livro didático não satisfaz a necessidade de aprendizado da língua o referido professor trabalha com este instrumento. Em nenhum momento o professor deixou claro que faz alterações nos conceitos apresentados pelo livro didático.

Professor B – *Trabalho mais a parte da leitura de textos e interpretação, porque*

os livros didáticos trazem o conceito das classes gramaticais incompletos. No entanto procuro trabalhar com outros livros e a gramática.

No início da afirmativa o professor B diz que usa o livro didático apenas para leitura de textos e interpretação e deixa bem claro no final de sua assertiva que usa a gramática. Podemos analisar nesta afirmação que as questões de gramática são trabalhadas isoladas do contexto e de acordo com a GN, ou seja, o objetivo primeiro é atender aos exercícios mecânicos.

Professor C – *Não. Alguns livros didáticos trazem conceitos prontos não oferecendo oportunidade para o aluno construir seu próprio conceito e compreender o sentido desse conceito.*

O professor C deixa claro que não usa o livro didático, ele registra que a sua preocupação está em deixar os alunos construir seu próprio conceito. Segundo Bagno (2001:66) *O objetivo do ensino de língua deve ser estimular a expressão das experiências dos diferentes sujeitos, permitir que eles assumam sua palavra. Que se tornem sujeitos de seu discurso.*

Entendemos que se o trabalho for desenvolvido da maneira como o referido professor propõe o conhecimento do aluno será bem mais amplo, pois ele construirá os seus próprios conceitos, e se constituirá como sujeito. Dessa forma sim, ele verá sentido no seu aprendizado.

SUBSTANTIVO E ADJETIVO: CLASSES DISTINTAS?

Diante da pesquisa que fizemos, vimos que a teoria está muito distante da prática. Na entrevista que realizamos com os professores foi possível constatar que estes possuem um conhecimento teórico, mas na prática ainda não conseguem se desprender dos conceitos impostos pela Gramática Normativa.

Com base nos dados coletados vimos que um dos professores entrevistados está muito preocupado com a aprendizagem do aluno. Ele procura trabalhar o contexto para que o aluno atribua sentido ao seu aprendizado. Para atender a essa necessidade do aluno precisamos refletir sobre a diferença que há entre a norma padrão que é pregada pela gramática tradicional e as variedades lingüísticas utilizadas pelos falantes naturais.

Comungamos da idéia de Bagno que ensinar a norma padrão não depende das aulas de gramática, pois esta se baseia em decorar nomenclaturas e memorizar conceitos incompletos.

Entendemos que para que o aluno seja um bom usuário dos recursos da língua, ele precisa ser posto em contato permanente com textos falados e escritos, nos quais ele possa depreender esses recursos. É inútil ensinar coisas que os alunos já sabem usar, simplesmente para que eles aprendam os nomes que a GN dá a essas coisas.

O estudo da língua portuguesa tal como está cristalizado nas gramáticas e em boa parte dos livros didáticos, sem análise crítica das

Vimos na parte teórica deste trabalho como e quando surgiu a gramática, por esse motivo podemos dizer que a GN é um patrimônio cultural do Ocidente, que precisamos estudar e conhecer, mas que devemos também criticar, reconhecendo de antemão seus equívocos teóricos, suas concepções arcaicas de língua e de linguagem.

Ativemo-nos neste trabalho ao estudo das definições das classes de palavras, mais

precisamente aos Substantivos e Adjetivos e deparamo-nos com algumas falhas que não possibilitam a identificação de uma entidade gramatical. Essas duas classes embora separadas na GN, são muito difíceis de se distinguir. Podemos dizer que a classificação tradicional, no que se refere aos substantivos e adjetivos é inadequada, pois não se conseguiu ainda uma definição que separasse com clareza essas duas classes. Nesse sentido podemos dizer que são uma grande classe, dentro da qual se distinguem muitos tipos de comportamentos gramaticais.

A diferença de comportamento dentro dessa grande classe provém principalmente de diferenças de significado e quando uma palavra começa a ser usada com um novo significado, ela precisa mudar seu comportamento gramatical de acordo com sua nova função. Diante disso constatamos que os substantivos e os adjetivos não são duas classes nitidamente distintas, mas uma classe que possui potencialidades expressivas e variadas, que expressa nome de coisas ou qualidades. E expressa ainda uma e/ou outra coisa no momento em que é necessário, o que nos leva a crer que a distinção entre a classe dos substantivos e dos adjetivos simplesmente não existe.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 38. Ed. São Paulo: Saraiva, 1992.

BAGNO, Marcos. *Português ou brasileiro?: Um convite à pesquisa*. 2.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática de base*. 3.ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1982.

DIAS, Luiz Francisco, (org). *Texto, escrita, interpretação: ensino e pesquisa* – João Pessoa: Idéia, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. Ed. Rio de Janeiro, RG: Nova Fronteira, 1986.

LUFT, Celso Pedro. *Novo manual de português, gramática, ortografia oficial, redação, literatura, textos e testes*. 16.ed. São Paulo: Globo, 1991.

NICOLA, José de/ INFANTE, Ulisses. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. 12.ed. São Paulo, SP: Scipione Ltda., 1984.

PERINI, Márcio A. *Sofrendo a gramática*. 3.ed. São Paulo: Ática, 2001.

_____. *Gramática descritiva do português*. 4.ed. São Paulo: Ática, 2001.

POSSENTI, Sírio. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2000.

ANEXOS

ENTREVISTA - PROFESSOR A

1 – Na sua opinião, qual a importância do estudo das classes de palavras?

R.: *As palavras são toda a essência da linguagem verbal, portanto, o aprendizado de cada uma de suas classes é praticamente indispensável para o uso adequado de qualquer idioma. Sem o estudo das classes de palavras não se aprende linguagem verbal.*

Acontece, que a linguagem verbal é apenas uma das várias formas de linguagem que utilizamos em nossos relacionamentos e por isso entendo que não deve ser a única dessas formas a ser estudada em sala de aula.

2 – Como você define:

a) Substantivos:

R.: *sem reportar-me a nenhum livro, eu os definiria como os nomes de tudo o que tenha existência real ou imaginária, própria ou 'parasitária'. Podendo ser comum ou próprio, simples ou composto, primitivo ou derivado e coletivo, além, é óbvio, de concreto ou abstrato.*

b) Adjetivos:

R.: *São as características, melhor, as palavras que atribuem características a tudo o que existe de fato ou na fé e no imaginário.*

3 – Como você desempenha o trabalho das classes acima referidas?

R.: *Com um certo grau de dificuldade de me fazer entender, principalmente, pelas crianças que ainda não desenvolveram suficientemente o raciocínio abstrato. Para elas é muito confusa a semelhança das duas classes principalmente quando o assunto é substantivo abstrato. Confundem honesto com honestidade, belo com beleza...*

4 – Você trabalha com livro didático? Como você conceitua a definição que o LD traz sobre o substantivo e o adjetivo?

R.: *Sim. Didaticamente insatisfatório.*

Obs.: Transcrição feita de acordo com o original.

ENTREVISTA - PROFESSOR B

1 – Na sua opinião, qual a importância do estudo das classes de palavras?

R.: *Estudar as classes de palavras é de suma importância, porque devemos ter o domínio da linguagem, conhecer suas regras e ampliar nosso universo vocabular.*

2 – Com você define:

a) Substantivos:

R.: *É a palavra variável com que designamos todos os seres que existem ou que imaginamos existir. Apresenta dois números e dois gêneros. É antecedido do artigo.*

b) Adjetivos:

R.: *É a palavra que acompanha o substantivo, expressando qualidade, particularidade, estado ou condição.*

3 – Como você desempenha o trabalho das classes acima referidas?

R.: *Trabalho de forma fragmentada e depois intercalo-as nos textos, mostrando a sua significação, fazendo com que os alunos identifique-as no texto trabalhado.*

4 – Você trabalha com livro didático? Como você conceitua a definição que o LD traz sobre o substantivo e o adjetivo?

R.: *Trabalho mais a parte da leitura de textos e interpretação, porque os livros didáticos trazem o conceito das classes gramaticais incompleta. No entanto procuro trabalhar com outros livros e a gramática.*

ENTREVISTA - PROFESSOR A

1 – Na sua opinião, qual a importância do estudo das classes de palavras?

R.: *Estando inseridas em um contexto, considero de suma importância para compreensão das estruturas gramaticais da Língua Portuguesa*

2 – Como você define:

a) Substantivos:

R.: *Como a prova das relações entre significante e significado, pois nome das coisas, pessoas, lugares antes de mais nada precisa ter sentido para quem o utiliza.*

b) Adjetivos:

R.: *Basicamente como o que caracteriza o nome, ou seja, mais uma vez o sentido que damos às coisas.*

3 – Como você desempenha o trabalho das classes acima referidas?

R.: *Ainda encontro dificuldades em me desfazer das formas como aprendi, mas procuro na medida do possível relacionar o aprendizado ao contexto no qual estamos inseridos, (nós, eu e os alunos).*

4 – Você trabalha com livro didático? Como você conceitua a definição que o LD traz sobre o substantivo e o adjetivo?

R.: *Não. Alguns livros didáticos trazem conceitos prontos não oferecendo oportunidade para o aluno construir seu próprio conceito e compreender o sentido desse conceito.*